

A REVOLUÇÃO FRANCESA E A LITERATURA BRASILEIRA

Se há literatura ocidental, para lá da francesa, na qual esperaríamos surpreender uma relação clara ou directa com a Revolução de 1789, essa literatura seria a brasileira, ou a do período literário que alguns chamam luso-brasileiro.

Porque no mesmo ano em que se iniciou a Revolução Francesa ocorreu no Brasil o movimento revolucionário conhecido com o nome de "Inconfidência Mineira" ou "Conjuração Mineira", que conduziria à Independência do Brasil, e porque nesse movimento estiveram implicados vários escritores, entre os quais o portuense Tomás António Gonzaga, e os nascidos no Brasil, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, aos quais poderia associar-se ainda Silva Alvarenga. (Outro escritor, embora menor, o "patriarca da Independência" José Bonifácio, o Velho, saiu em 1790 de Portugal para Paris, onde teve contactos com alguns revolucionários) (!).

Vai-se a ver, no entanto, e as obras desses escritores não contêm referências directas ao grande acontecimento francês e mundial, ainda quando contenham ideias — de liberdade e de libertação — que também foram defendidas pelos revolucionários franceses.

Não admira. Quando foi tomada a Bastilha, já estavam presos alguns dos "inconfidentes"; e nos círculos políticos e culturais brasileiros ou mineiros já tinham penetrado ideias, como as dos enciclopedistas, que também incubaram a Revolução Francesa; já se sentia a influência dos movimentos norte-americanos que tinham conduzido à libertação das colónias inglesas (em que aliás colaboraram franceses como Rochambeau e La Fayette); já se tinham criado situações específicas (excesso de controlo político-administrativo, impostos abusivos, arbitrariedades da Coroa) que estimulavam a rebelião, ou a crítica e a sátira literária.

O que de subversivo ou revolucionário pode encontrar-se nos escritores brasileiros da "Inconfidência" (um dos quais, Cláudio Manuel da Costa, morre enforcado na prisão, logo a 4 de Julho de 1789), e também nos seus contemporâneos, já estava escrito antes da Revolução Francesa — caso dos poemas joco-sérios **O Desertor** (ou **O Desertor das Letras**) de Silva Alvarenga, que data de 1774, e **O Reino da Estupidez**, de Francisco de Melo Franco, escrito em 1785, ou das satíricas **Cartas Chilenas** de Tomás António Gonzaga, escritas presumivelmente em 1788, e no início de 1789.

Mas que as ideias da Revolução Francesa chegavam ao Brasil prova-
o uma devassa que em 1794 mandou fazer o vice-rei, Conde de Resende,
visando nomeadamente o poeta e matemático Silva Alvarenga, animador
de uma tertúlia do Rio de Janeiro.

Para a justificar, o vice-rei garantia que o poeta e seus confrades
defendiam:

*“Que os Reis não são necessários: Que os Homens são
livres, e podem em todo tempo reclamar a sua liberdade:
Que as Leis por que hoje se governa na Nação Francesa
são justas, e que o mesmo que aquela Nação praticou
se devia praticar neste Continente: Que os Franceses
deviam vir conquistar esta Cidade: que a Sagrada Escritura,
assim como dá poder aos Reis para castigar os Vassallos,
o dá aos Vassallos para castigar os Reis...”*

Sabe-se aliás que os ideais da Revolução Francesa — que alguma
coisa deveriam ao Brasil, como tentou provar Afonso Arinos de Melo no
seu estudo **O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa** (3) — foram vividos
em França por alguns intelectuais brasileiros, que não deixariam de os
transmitir para o Brasil (4), onde por sinal já havia “maçons”, ainda que
não houvesse nenhuma loja instituída (5).

Em todo o caso não se pode dizer que a Revolução Francesa
compareça cedo em textos importantes da literatura brasileira. E até se
pode dizer que só cerca de um século depois apareceram na literatura
brasileira referências muito explícitas e entusiásticas a essa Revolução, que
um intelectual como Joaquim Nabuco só descobriu em 1866: “1366 foi para
mim o ano da Revolução Francesa; Lamartine, Thiers, Mignet, Louis Blanc,
Quinet, Mirabeau, Vergniaud e os Girondinos, tudo passa sucessivamente
pelo meu espírito” (6).

Exactamente um ano antes, tinha o seu amigo Castro Alves escrito
— exactamente na cidade de Joaquim Nabuco — estes versos de
homenagem ao herói pernambucano Pedro Ivo:

*E eu disse: Silêncio, ventos!
Cala a boca, furacão!
No sonho daquele sono
Perpassa a Revolução!
Este olhar que não se move
'Stá fito em — Oitenta e Nove —
Lê Homero — escuta Jove...
— Robespierre — Dantão.*

*Naquele crânio entra em ondas
O verbo de Mirabeau...
Pernambucano sonha a escada
Que também sonhou Jacó;
Cisma a República alçada,
E pega os copos da espada,
Enquanto em su'alma brada:
"Somos irmãos, Vergniaud". (7)*

Castro Alves chegara à Revolução Francesa um pouco antes de Joaquim Nabuco, dois anos mais novo do que ele, mas também um pouco antes (cerca de um quarto de século)... das celebrações do primeiro centenário daquela Revolução. Tendo então devorado a **História dos Girondinos**, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, os discursos de Mirabeau e de Robespierre, não admira que a sua poesia fosse uma "concha para recolher em seu bojo o alarido da onda revolucionária" (8) provocada pela queda da Bastilha.

Os seus versos "condoreiristas", fogosos, impetuosos, frenéticos, onde se cruzam intenções épicas e confissões líricas, onde ecoam e se mesclam as vozes de Vítor Hugo e de Tomás Ribeiro, de Musset e de António Nobre, não se limitam a celebrar os grandes temas revolucionários da Liberdade, Igualdade e Fraternidade — porque celebram também revolucionários franceses (Robespierre, Danton, Vergniaud, Mirabeau, etc) e símbolos revolucionários como a Marselhesa ou a Bastilha:

*Vai nas planícies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a Marselhesa aos ecos
Soltar bramindo no feroz combate... (9)*

*Quando a Bastilha vil tremia desraigada
E da mole ao sopé soava a martelada,
A catapulta humana, a voz de Mirabeau!...
Quando aquele ideal Quasímodo do abismo*

*Se agitava a ulular dos Reis no cataclismo,
— Sineiro que rebate aos séculos tocou!... (10)*

Mau grado o seu arrebatado nacionalismo, Castro Alves não se exime à exaltação e à insinuação dos modelos franceses, ainda quando os envolvam algumas sombras:

*És muito pequena, ó França,
P'ra conter estes heróis... (11)*

*Meu Deus! Da negra lenda que se inscreve
Co'o sangue de um Luís, no chão da Grève,
Não resta mais um som!...
Em vão nos deste, p'ra maior lembrança,
Do mundo — a Europa, mas d'Europa — a França.
Mas da França — um Bourbon! (12)*

E pela voz do Padre Carlos do seu drama **Gonzaga ou a Revolução de Minas** não deixa de relacionar a Revolução Francesa com a Conjuração Mineira: "Além do Atlântico há um povo livre, grande pela força, sublime pelo pensamento, divino pela liberdade, que, através dos mares, nos estende a mão. É a França. A Revolução Francesa protege a revolução de Minas, esta é a filha daquela, ou antes, ambas são filhas de Deus" (13).

Na grandiloquência ou no verbalismo de Castro Alves, nas suas imagens ou metáforas sonoras e visuais, nas suas alusões superlativas (Tritão, Pigmalião, Olimpo, oceano, colossos, gigantes, águias, condores, etc.) passa por vezes um sopro genial, nomeadamente quando funde os ímpetos românticos e as energias realistas; mas também com frequência um ruidoso voluntarismo ingénuo ou leviano, o gosto tardiamente romântico pela exibição de "estados de alma" ou de emoções desenfreadas que não permitiu o aprofundamento do tema da Revolução Francesa, e muito menos a percepção das suas contradições.

De qualquer modo, as referências de Castro Alves à Revolução Francesa são bem mais interessantes do que as do seu contemporâneo Sílvio Romero, conhecido historiador da literatura, ensaísta e folclorista que em 1878 também quis afirmar-se na poesia com o livro de pretensões realistas e "cientificistas" (como ele dizia) **Cantos do Fim do Século**.

Dividindo-o em duas partes, consagradas à Humanidade e à Natureza, na primeira delas — em que se ocupou de Deus, do Diabo, de Jesus, de Maomé, do céu, do inferno, do pensamento, da crença, da dúvida, da civilização, da escravidão, etc. — inseriu o longo poema (210 versos) intitulado "A Revolução", que distribuiu em 4 partes e 21 estrofes, todas décimas com versos de redondilha maior.

Versos com frequência coxos nos acentos, nas imagens e até na sintaxe, neles comparecem as grandes figuras da Revolução de 1789. Mas as sucessivas referências a Mirabeau, cuja "palavra" é "agudo punhal que lavra/o génio forte do mar", a Marat, "vindo em triunfo", a Vergniaud, que "tira da frente/o radiar da razão,/Sacode sua alma insonte,/Mostra a verdade com a mão", a Valazé, que "perscruta o peito,/Acha em seu sangue mais

luz,/Mais fulgor para o direito/Dos povos pálidos, nus”, a Robespierre, “opulento/de ódio insano”, a Danton, que “toma a couraça eterna/Da pátria raiva”, e ainda as referências ao “rei vestido de mantos,/Cercado pelo pavor”, ou aos “Girondinos alçados”, ou aos “Montanheses” que “escutam/Da tempestade o fragor”, ou a Carlota, “essa ave tão pura”, a Maria Antonieta, com seu corpo “celestial” e a Chénier, que “sente um ruído de festa”. Todas essas referências soam a exercício escolar sobre horrores da Revolução, vista como um “temporal de paixões” ou “de agitações o compêndio” (14).

No entanto, o poema celebra, na parte final, o “trabalho do homem” a favor do progresso revolucionário (traduzido também em metáforas banais: “Novos astros ele achou;/De mais brilho e claridade/Seu peito se impregnou”); e termina com uma alusão, essa sim original, a Napoleão Bonaparte, que põe a exclamar: “Pouco tenho que fazer!”.

Bem mais interessantes, apesar de breves ou oblíquas, são as referências que à Revolução Francesa fez um contemporâneo de Sílvio Romero, que este por sinal pouco apreciava — Machado de Assis.

Desde a adolescência leitor assíduo de livros, revistas e jornais franceses, (15) Machado de Assis cedo mostrou saber da Revolução Francesa mais do que se aprendia em compêndios escolares ou em escolas que de resto nem frequentou. Por volta dos 18 anos já ele traduzia partes da *Histoire de la Restauration*, de Lamartine (“A literatura durante a Restauração” (16), que começava por aludir à “catástrofe” ocorrida em França no “décimo oitavo século” que dispersa “os seus filósofos, poetas, oradores e escritores”. E chegou a pensar incluir no seu primeiro livro de poemas, *Crisálidas* (1864), a tradução de um poema de André Chénier, “A jovem cativa” (17). A referência talvez mais expressiva que fez à Revolução aparece num estudo escrito aos vinte anos, “O jornal e o livro”, onde se lê: “A Revolução Francesa, o estrondo maior dos tempos europeus, na bela expressão do poeta de *Jocelyn*, foi o passo da humanidade para entrar neste século. O pórtico era gigantesco, e era necessário um passo de gigante para entrá-lo. /.../ O que era a Revolução Francesa senão a ideia que se fazia república, o espírito humano que tomava a toga democrática pelas mãos do povo mais democrático do mundo?” (18).

Este entusiasmo não comparece noutras referências feitas em idade mais madura. Numa crónica de 1888, limita-se a defender a existência de uma lenta incubação das revoluções, acrescentando: “a Revolução Francesa chega à Bastilha depois de feita nos livros e iniciada nas províncias, desde os albores do séc. XVIII” (19). E noutra crónica, de 1864, lembra o “sombre quatre-vingt-treize”, ano em que perfaz um século o ano terrível da Revolução” (20).

Mais directas ou menos directas, aparecem na ficção machadiana outras curiosas referências à Revolução Francesa. António Fernando Viana já notou várias “imagens da França revolucionária” no conto **O Alienista** ⁽²¹⁾, onde o asilo Casa Verde do Dr. Simão Bacamarte é definido como “Bastilha da razão humana” ⁽²²⁾. E no romance **Esau e Jacó** a rivalidade dos gémeos Pedro e Paulo leva um a comprar um retrato de Luís XVI e outro um retrato de Robespierre, que põem à cabeceira da cama, e a quem rezam ⁽²³⁾; e ambos cantarolam a Marselhesa, embora “desviada do natural sentido histórico, para restringi-la às tropas nacionais” ⁽²⁴⁾.

Este romance ajuda-nos a perceber que a visão que Machado de Assis tinha na idade adulta da Revolução Francesa não era de modo nenhum uma visão superficial, como seria a que parece ter tido aos vinte anos, e a que surpreendemos em autores como Sílvio Romero e Castro Alves, bem expressa pela metáfora das *espumas flutuantes*; Machado, discípulo do monárquico e liberal Paula Brito mas também do republicano Charles Ribeyrolles, via também a *profundidade* das águas revolucionárias, e só podia rir-se das “tabuletas” ideológicas de todas as confeitarias: “Para ser pensador é mister olhar as coisas por cima do ombro do seu partido. Nisto incluo republicanos e monarquistas, socialistas e absolutistas, todos quantos querem organizar o mundo como um tabuleiro de xadrez, e dar a forma predilecta de suas convicções como a panaceia universal de todas as doenças políticas, sem atenção à índole, estado, tendências, desenvolvimento histórico e moral dos povos” ⁽²⁵⁾.

Recusando o uso da “tuba canora e belicosa” ⁽²⁶⁾ para celebrar grandes acontecimentos histórico-políticos, como a Revolução Francesa, Machado também substituíra a pompa ou a certeza da hipérbole pela sutileza da ironia ou da antítese. Embora se desse conta da importância que para a humanidade — e não só para a França — tivera a Revolução Francesa, ele não deixaria de a ver nas suas contradições, como a vêem modernamente historiadores como François Furet e Mona Ozouf, e não deixaria de a ligar à Contra-Revolução, que daria como sua irmã gémea, convencido de que “as revoluções trazem sempre despesas” ⁽²⁷⁾ contra-revolucionárias.

Arnaldo Saraiva
Universidade do Porto

NOTAS

- (1) Gondin da Fonseca, **A Revolução Francesa e a Vida de José Bonifácio**, 4ª ed., Rio de Janeiro, Livraria São José, 1976.
- (2) Citado por Antônio Cândido, **Formação da Literatura Brasileira, (Momentos Decisivos)**, 4ª ed., vol. I, São Paulo, Martins, s/d, p. 171.
- (3) Rio de Janeiro, José Olympio, 1937. Não falta quem relate a queda da Monarquia Francesa com a descoberta das minas de ouro do Brasil, que levaram ao aumento de preços das mercadorias, mas não ao aumento de salários.
- (4) Vamireh Chacon, "Brasileiros na Revolução Francesa", **Jornal do Brasil**, 30/7/1989.
- (5) A. H. de Oliveira Marques, "A Monarquia Portuguesa e a Revolução", **Diário de Notícias**, 9/7/1989.
- (6) Joaquim Nabuco, **Minha Formação**. Citado por Jamil Almansur Haddad, **Revisão de Castro Alves**, vol. III, S. Paulo, Saraiva, 1953, p. 38.
- (7) Antônio de Castro Alves, **Obra Completa**, Rio de Janeiro, José Aguiar, 1960, p. 116. Antônio Cândido diz na **Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)** (vol. II, 2ª ed., S. Paulo, Martins, 1964, p. 267) que Castro Alves rima "Dantão com canhão"; não encontramos tal rima; na **Obra Completa**, onde só deparámos com a rima furacão/Revolução/Dantão do poema "Pedro Ivo".
- (8) Jamil Almansur Haddad, *op. cit.*, p. 38.
- (9) **Obra Completa**, *cit.*, p. 110.
- (10) *Id.*, p. 466.
- (11) *Id.*, p. 165.
- (12) *Id.*, p. 275.
- (13) *Id.*, p. 586.
- (14) Antônio Cândido (*op.*, *cit.*, vol. II, p. 280) chamou a Sílvia Romero "sub-Tobias" e "sub-Castro Alves"; tendo em conta "A Revolução", esse ainda parece um tratamento de favor.
- (15) Jean-Michel Massa, **A Juventude de Machado de Assis (1839-1870)**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Conselho Nacional de Cultura, 1971; Raimundo Magalhães Júnior, **Vida e Obra de Machado de Assis (4 vols.)**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1981.

(16) Jean-Michel Massa, **Dispersos de Machado de Assis**, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1965, pp. 37-46.

(17) Essa tradução está publicada no vol. III da **Obra Completa** de Machado de Assis (Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar, 1973, pp. 190-192).

(18) **Id.**, p. 943.

(19) **Id.**, p. 504.

(20) **Id.**, p. 595.

(21) **Quadrant** (revista da Universidade Paul Valéry, de Montpellier), nº 7, 1990.

(22) **Obra Completa**, vol. II, p. 270.

(23) **Obra Completa**, vol. I, pp. 978-982.

(24) **Id.**, pp. 1034-1035.

(25) De uma crônica "esquecida" de 1868 recolhida por Raimundo Magalhães Júnior e citada por John Glesson n' **O Estado de S. Paulo**, 16/9/1989.

(26) **Obra Completa**, vol. III, p. 596.

(27) **Obra Completa**, vol. I. p. 1031.